

PROJEÇÕES DO ROMANTISMO PELAS ASAS DE UM CONDOR: A PRESENÇA HUGOANA EM POEMAS DA OBRA ESPUMAS FLUTUANTES, DE CASTRO ALVES. Cleonice Ferreira de Sousa. Orientador: Daniela Mantarro Callipo -- Letras – Letras – Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis.

Durante o século XIX, a França passa por profundas transformações; por um lado, decorrentes da Revolução Francesa e seus ideais de igualdade, liberdade e fraternidade e, por outro, do advento da Revolução Industrial. Ambos os processos levaram à ascensão e centralização do poder da burguesia; esta, como detentora dos modos de produção e acumulação de capitais tornou-se, conseqüentemente, dominadora do aparelho ideológico, assim, a literatura passou a ser reflexo das aspirações desta classe. Esse período é, então, marcado pela necessidade de relatar ideais particulares, nas palavras de Ortiz (1991, p.64): “O individuo na sua integridade, é quem orienta o olhar estético, e não mais as rotinas das circunstâncias tradicionais”.

O Brasil, por sua vez, ainda sob a condição de colônia portuguesa, era culturalmente atrasado se comparado às colônias espanholas. Portugal dominava, estrategicamente, o aparelho cultural; entretanto, nesse mesmo momento, a vinda da Família Real para o Brasil deu lume a um processo de modificações, por exemplo no que respeita a criação de uma biblioteca pública, do correio brasileiro e a permissão de tipografias. Tais fatos são conseqüência direta da vinda de homens instruídos : “A partir de 1816, uma importante missão artística contratada da França fundou o que seria a Academia de Belas Artes (...)” (Candido, 2002, p. 12).

As injunções históricas mencionadas corroboram, por um lado, o conseqüente surgimento do Romantismo na França no decurso do século XIX e, por outro, a contribuição desse país para a formação e desenvolvimento dessa estética no Brasil. O Romantismo foi, desse modo, a forma literária que mais se adaptou à realidade de ambos os países. Na França seus principais representantes foram Mme Stael, Aphonse Marie Louis Prat de Lamartine e Victor Hugo; no Brasil, Gonçalves de Magalhães, Álvares de Azevedo e Castro Alves da primeira, segunda e terceira gerações respectivamente. Esta última, também chamada de Condoreirismo, foi inspirada sobretudo em Victor Hugo e, por isso, caracterizou-se pela preocupação com as causas sociais, pois a indignação decorrente da situação histórico-social, deu fulgor a um sentimento revolucionário. É, portanto, nesse período, que ocorre a consagração de Castro Alves, o qual em 1870 publica *Espumas Flutuantes*, obra que abarca os aspectos essenciais do Romantismo, uma vez que denuncia a opressão, descreve as inquietações humanas e exalta a sensualidade feminina. São nesses aspectos que este trabalho propõe-se fincar bases, encontrando os ideais de Castro Alves emaranhados aos de Hugo, reiterando a significação mais profunda que o dito emaranhamento edificou em *Espumas Flutuantes*, dando-lhe feitiços que a singularizam no cenário literário.

Posto isso, o presente trabalho objetiva, por meio da análise dos poemas *Sub Tegmine Fagi*, *Boa Noite*, *Jesuítas*, *Poesia e Mendicância*, *As duas Ilhas* e *Canção do Boêmio*, desnudar as diferenças e semelhanças entre os poetas Castro Alves e Victor Hugo, bem como investigar, em sentido amplo, a configuração da presença hugoana na obra do poeta brasileiro em seus aspectos peculiares. Sob esse olhar, o estudo minucioso dos poemas escolhidos tem como fito averiguar os processos de assimilação do vate brasileiro, revelando o sentido das apropriações feitas. Para tanto é de primordial importância observar aspectos como estilo, estrutura, teor ideológico e temática, dado que esses elementos auxiliam na compreensão da natureza que a presença hugoana constrói na obra *Espumas Flutuantes*, assim como, levam-nos a perceber no que consiste o papel exercido em cada poema em si. Ensejando viabilizar a dita compreensão a análise será baseada na teoria da intertextualidade (Kristeva, 1974), segundo a qual

Todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de outros textos; ele é uma escritura – réplica (função e negação) de outro (dos outros) texto (s). O objetivo dos estudos de Intertextualidade é examinar de que modo ocorre essa produção do novo texto, os processos de

rapto, absorção e integração de elementos alheios na criação da nova obra (Perrone - Moisés, 1990, p.94).

Uma vez construído o escopo a guiar este trabalho, partiu-se da pesquisa bibliográfica, leitura e fichamento da bibliografia, levantamento da presença hugoana e sistematização das fontes. Sob essa perspectiva, a leitura de obras teóricas de análise literária, em particular de poemas, foi-nos primordial uma vez que ofereceu fundamentação às informações, fundamentação esta, imprescindível à consecução deste estudo.

A partir do dito levantamento, selecionamos para a primeira fase três poemas, a saber, *Sub Tegmine Fagi*, *Boa Noite e Jesuítas*. Buscamos identificar, quando oportuno, com que obra hugoana Castro Alves teria estabelecido um diálogo intertextual. Por meio da análise dos poemas, verificamos que, no caso de *Sub Tegmine Fagi*, não existe alusão a uma obra, mas apenas ao nome do poeta; no segundo poema, assim como no terceiro, ao contrário, evoca-se uma personagem (Marion) e alude-se à obra *Châtiments*. Estas informações levam-nos a leituras das obras evocadas pelo bardo brasileiro, *Marion de Lorme e Châtiments*, ensejando depreender a função desses referentes da literatura francesa no poema castroalvino.

Sobre esse aspecto, logramos concluir que os empréstimos realizados pelo poeta brasileiro, traziam em si a realidade francesa da qual faziam parte anteriormente, e passavam, ao mesmo tempo, a integrar uma nova realidade sem, contudo, cair no anacronismo ou na desconexão. Isto se explica pela igualdade ideológica entre os poetas. Assim sendo, no primeiro poema, *Sub tegmine Fagi*, o nome de Victor Hugo refere-se à pessoa em si, mas também à ideologia defendida pelo poeta. A simples menção à pessoa exilada pelo poder político de seu país, expatriada por lutar pela igualdade social e várias vezes bloqueada pela censura por criticar as arbitrariedades que o poder impunha, atualiza a concepção da importância da liberdade e casa-se perfeitamente com o contexto histórico brasileiro, assim como com o ideal abolicionista cantado pelo poeta dos escravos. O nome do poeta francês auxilia, portanto, na criação de um mundo novo: Castro Alves parece insinuar que, não obstante o poder de alguns, os ideais defensores da igualdade social não podem ser silenciados.

No poema *Boa Noite*, a alusão à personagem Marion da obra hugoana *Marion de Lorme*, enriquece a imagem da mulher cantada por Castro Alves. A sedução do amado, assim como a lascividade que o poema explicita, tornam-se explicáveis quando nos é possível perscrutar um pouco da índole dessa mulher. Isto ocorre quando enxergamos nela um pouco da cortesã que, embora repelida por seus pecados, lutou até o fim para manter vivo seu amante. Assim sendo, a personagem francesa, além de evocar a mulher forte e sedutora, torna real e visível a representação da amante no poema. O empréstimo também, nesse caso, dá lume a uma nova imagem e pinta a mulher como um ser sensível a voluptuosidades, em suma, como humana. A presença de Julieta e de Consuelo indica ter feito Castro Alves alusão a personagens famosas da literatura e conhecidas pela abnegação e entrega absoluta ao ser amado. Maria, elemento nacional, incorpora elementos estrangeiros e a eles se acresce.

Encontramos no poema *Jesuítas*, a citação de um trecho do poema *À un martyr* da obra *Châtiments*, de Victor Hugo. Trata-se, pois, da utilização de uma suposta fala do Martyr, le saint prêtre. No poema brasileiro, elogia-se a avidez dos jesuítas no propósito de salvar almas. Assim, ao longo do texto, são tecidos diversos elogios e avultadas as atitudes desses homens da Companhia de Jesus. O trecho do poema hugoano parece ter a função de reforçar esse aspecto magnânimo: sendo utilizado como epígrafe, direciona a leitura procurando comprovar que, de fato, existiram homens que viveram em prol da fé. Nesse caso, a presença de Victor Hugo é alicerce das informações que seguem, uma vez que no trecho utilizado o suposto santo padre declara sua entrega total à Fé e a Deus. Esse seria, com certeza, o argumento mais forte e persuasivo de um bom religioso.

As apropriações realizadas nos três poemas analisados comprovam, por um lado, a interdependência entre textos e, por outro, revelam que os empréstimos não causam empobrecimento ou submissão da parte de quem os realiza. Do contrário, os referidos empréstimos edificam o diálogo construtivo entre culturas, assim como ajudam a esclarecer e enxergar as imagens construídas.

Com base no que foi exposto acima, podemos concluir que Castro Alves não parece ter limitado a construção de seu texto à recepção passiva. O poeta fez dele uma ponte entre a realidade brasileira e a francesa, de modo a construir a visão do homem universal. Este, nos escritos do bardo brasileiro, teve os seus problemas e características equiparados sob o prisma de uma visão una, visão esta apreensível a qualquer indivíduo, independentemente de sua nacionalidade. Poder-se-ia afirmar, desse modo, num primeiro momento, que as apropriações ganharam vida na obra alvesiana, que se atualizaram e se transformaram em função da mesma.

Referências Bibliográficas

ALVES, Antonio de Castro. *Poesias Completas*. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

AMBRIÈRE, Madeleine. *Précis de Litterature du XIXe siècle*. Paris: PUF, 1990.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira* 38 ed. . São Paulo: Cultrix, 2001.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 2 ed. V. II. São Paulo: Martins, 1959.

_____. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. *O estudo analítico do Poema*. . São Paulo: Humanitas, 2004.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

COMPAGNON, Antoine. *La second Main ou le Travail de la citation*. Paris: Seuil, 1979.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, Sons e Ritmos*. São Paulo: Ática, 1985.

HUGO, Victor. *Lês Châtiments*. Paris: Librairie Générale Française, 1998.

_____. *Théâtre: Amy Robsart, Marion de Lorme, Hernani, Le Roi s'amuse*. Paris: GF-Flammarion, 1979a.

_____. *Théâtre: Ruy Blas, Lucrèce Borgia, Marie Tudor, Angelo*. Paris: GF- Flammarion, 1979b.

KAYSER, W. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. Coimbra: Armênio Amado, 1958.

LEÃO, Carneiro. *Victor Hugo no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1960.

MACHADO e PEGEAUX. *Da Literatura Comparada à teoria da Literatura*. Lisboa: Edições 70, 1988.

MARQUES, Xavier. *Vida de Castro Alves*. Paris – Lisboa: Livraria Ailland e Bertrand, 1922.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade. A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves o poeta e o poema*. São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.

PERRONE – MOISÈS, Leyla. *Literatura Comparada e Antropofagia*. In: Flores da Escrivadinha. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

ZAGURY, Eliane. *Castro Alves Tempo, Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Bruguera, 1971.